

da “Revolução Cultural”, e reinterpretadas à luz da mesma. Nesta hipótese, as políticas anteriores seriam tentativas abortadas de revolução cultural, abortadas justamente pela poderosa oposição interna encontrada pela facção maiorista no interior do partido.

Por outro lado, o autor parece inclinar-se por uma interpretação monolítica da estratégia da facção maoista, quando o que caracteriza a história recente da sociedade chinesa são justamente as mudanças bruscas de orientação, os saltos e a descontinuidade nas políticas comandadas pelo P.C.C. Fora dessa interpretação monolítica talvez não fosse difícil compreender que a facção maoista, que parece responsável, justamente, por essas reviravoltas e descontinuidades na política chinesa, possa caracterizar-se mais por uma flexibilidade estratégica, que a leva a alternar as fases de liberalização com fases de repressão, aliando-se ora com uma facção, ora com outra, para desembaraçar-se do adversário mais poderoso no momento. A alternância de liberalização e repressão, registrada pelo autor na campanha das Cem Flores, como a que a imprensa ocidental observou na recente Revolução Cultural — e mesmo na campanha mais recente que parece delinear-se hoje na China — não desmentiriam esta hipótese.

J. A. GUIHON ALBUQUERQUE.

* *

*

HORCH (Rosemarie E.). — *Catálogo dos folhetos da Coleção Barbosa Machado*. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1974 (Anais da Biblioteca Nacional, 92, p. 11-251, 1972).

A Coleção Barbosa Machado veio ter ao Rio de Janeiro em 1808, como parte integrante da Livraria de D. João VI (que foi o fundo inicial da Biblioteca Nacional).

A importância do Abade Diogo Barbosa Machado para a Bibliografia é ressaltada no estudo que Ramiz Galvão, então Diretor da Biblioteca Nacional, publicou em 1876, no volume 1 dos *Anais* e que é reproduzido nas páginas iniciais do Catálogo em questão. Sua obra mais importante foi a *Bibliotheca Lusitana historica, critica, e cronologica*, publicada entre 1741 e 1759. Malgrado suas falhas, naturais diante da precariedade de fontes e de conhecimento técnico, inerentes à própria época em que foi composta, esta bibliografia é considerada, pelos modernos especialistas, como um dos mais importantes trabalhos feitos no gênero, em todos os tempos.

A Biblioteca do Abade Barbosa Machado, reunida em muitos anos de laboriosa seleção, constitui-se de mais de cinco mil livros, cujos assuntos são, principalmente história, religião e literatura.

Ao lado dos livros, figuram folhetos. Estes —

“publicações de pequeno fôlego e destinadas quase sempre ao efeito do dia em que saem à luz (e que) não se julgam ordinariamente dignas de encardenação e dentro de poucos anos desaparecem, roubando à história um subsídio valioso e muitas vezes à literatura um tesouro inestimável”,

no dizer de Ramiz Galvão — é que constituem a matéria do trabalho ora analisado. Estes oitenta e cinco volumes de opúsculos sobre história e literatura luso-brasileiras, desde o século XV ao XVIII, vem sendo objeto de pormenorizado levantamento analítico, desde longa data, por parte de Rosemarie Horch. Por ora, através do volume 92 de seus *Anais*, a Biblioteca Nacional coloca ao alcance de historiadores, pesquisadores da literatura e bibliógrafos, a primeira parte daquele levantamento, referente aos folhetos publicados entre 1481 e 1639. Fica a promessa de outro tomo, com início no período da Restauração de Portugal. A autora, especialista em livros raros, já havia publicado em 1963, uma *Brasiliana* e, em 1969, um *Catálogo de Vilancicos*, de peças pertencentes à este mesmo acervo.

Obedecendo a uma disposição cronológica, os verbetes contem: nome do autor, data de nascimento e morte, quando conhecidas, ou o século em que viveu, se não; título da obra, seguido dos dados de local de publicação, casa editora, data, paginação e formato, completando-se a citação bibliográfica do folheto.

Os comentários que se seguem é que realmente revelam o conhecimento, o critério e o cuidado com que Rosemarie Horch dedicou-se a analisar os opúsculos. Buscando esclarecimentos nas mais conceituadas fontes nacionais e estrangeiras, cujo elenco ocupa as páginas de 49 a 62, e graças a leitura atenta que fez de cada um dos folhetos, foi possível à autora estabelecer características tipográficas, conteúdo, raridade, localização de outros exemplares, falhas de trechos, além de dados biográficos dos autores.

O trabalho, digno dos louvores dos cultores da gramática histórica, da literatura, da história política, da vida, sociedade e religião em Portugal e seu império nos séculos XVI e XVII, inclui obras, entre outros, dos consagrados Damião de Goes, Diogo de Teive, André de Rezende e de Pedro de Magalhães Gandavo, com sua “*História da província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*”.

HELOISA LIBERALLI BELLOTTO.

* * *

MOTOYAMA (Shozo) (Organizado por). — *História da Ciência, perspectiva científica*. Coleção da Revista de História (nº XLVI). São Paulo. 1974. 317. pp.

Uma das boas recordações que guardo do saudoso Professor Heinrich Rheinboldt, fundador do Instituto de Química da Universidade de São Paulo,